

MÃOS NA MASSA E SAMBA NO PÉ

Quem olha de fora e vê as carcaças dos carros alegóricos e os adereços ainda sem as cores e os detalhes mais fulgurantes, até desconfia que tal tarefa seja mesmo realizada até a hora do desfile. Dedicção e criatividade são a receita para tudo ficar pronto na hora de brilhar na passarela

Com a verba de R\$ 750 mil destinada às escolas de samba do Primeiro Grupo liberada pela Secretaria de Cultura, as escolas correm contra o tempo para brilhar no "Ceilambódromo". Faltando uma semana para os desfiles, a correria é grande. E a animação maior ainda. Nos bastidores de três escolas de samba do primeiro grupo, por exemplo, o movimento dos últimos preparativos para o carnaval brasileiro corre a todo o

vapor, sincronizado com a marcação do surdo e o toque de classe dos tamborins, numa mistura que envolve muito trabalho e prazer. "A gente já se acostumou com esse tipo de problema", minimiza Aníbal Mattos, diretor artístico da escola Águia Imperial, de Ceilândia. "Todo ano é a mesma coisa. A falta de tempo já não assusta tanto", brinca.

No comando de uma equipe de 50 pessoas, Aníbal dá as dicas para os últimos retoques antes de botar o bloco na rua. E para quem olha de fora e vê as carcaças dos carros alegóricos desnudas e os adereços destituídos de cores e detalhes mais fulgurantes, até desconfia que tal tarefa seja mesmo realizada a tempo. "Que ninguém ouse duvidar. O trabalho aqui é 24 horas por dia. Não pára nenhum minuto. Se você ficar lamentando muito, não faz carnaval", ensina com a experiência de quem já participou de dez edições. Todos eles pela Águia Imperial, sua escola do coração. "Sempre fiz parte da comunidade de Ceilândia, mesmo quando morava em Valparaíso", lembra com orgulho.

Empolgado com o fato do desfile este ano ser realizado em casa, nas ruas de Ceilândia e não no Plano Piloto, como era até 2004, o diretor artístico não esconde a ansiedade, mas está longe de demonstrar soberba. "Não é porque vamos desfilar aqui, que temos obrigação de vencer. A expectativa é boa e vamos fazer um grande desfile", avisa.

O diretor de carnaval, Severo Carvalho, da vizinha Capela Imperial, de

Taguatinga, vice-campeã do ano passado, também demonstra animação e não quer nem ouvir falar em problemas. O negócio agora é bola para frente e mão na massa, sem é claro, perder o ritmo no pé. "A turma está animada. Se não houvesse dificuldade, o trabalho não exigiria empenho. Apesar dos problemas, os preparativos estão a todo o vapor", garante.

Severo conta com uma equipe de 20 pessoas para agilizar, até sábado, os acabamentos de três carros alegóricos, três tripés (carros menores acoplados aos carros alegóricos) e fantasias de 700 componentes. "Tem gente até dormindo no barracão. O trabalho aqui só tem hora para começar, mas quando se tem organização, parece não haver problemas, as coisas fluem."

Na Mocidade do Gama as coisas não são diferentes. Segundo o presidente da escola, Pedro Teixeira, os impasses que ocorreram estão longe de tirar o otimismo da galera que joga todos os problemas e dificuldades para o alto quando a sirene toca. "Essa é a magia do carnaval. Às vezes você grita, se exalta, perde a paciência, mas quando a sirene toca tudo é encanto", diz, animado.

Com uma equipe de 40 pessoas, ele corre contra o tempo para dar os últimos retoques nos três carros alegóricos e fantasias de 700 componentes que irão botar o pé na passarela na noite de terça-feira. "Temos várias equipes se estruturando em setores diversos da produção final das fantasias e a comunidade sempre aparece para dar uma mão", enfatiza, entusiasmado.

Reciclando arte

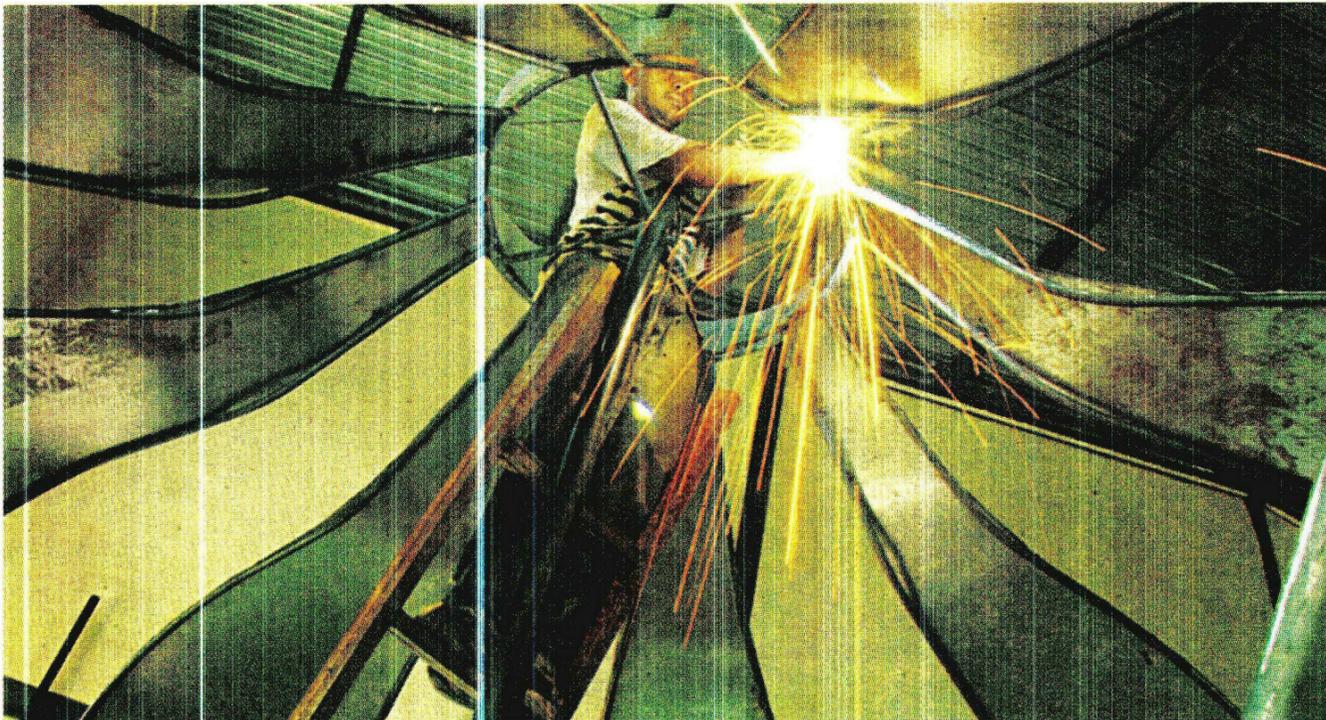
Carnaval também é sinônimo de renovação. E não é só no espírito e alma, mas também na reciclagem dos materiais usados para maquiagem a folia. Tal qual as escolas de samba do Rio de Janeiro e São Paulo, as agremiações brasilienses aproveitam muito dos utensílios gastos nas confecções dos adereços e fantasias do carnaval passado. Além da beleza da transformação, o resultado faz diferença nas contas da festa do ano seguinte.

"Sempre se aproveita o possível do último carnaval, o que não é muita coisa, mas ajuda, com certeza", afirma Pedro Teixeira, presidente da Escola Mocidade do Gama. Segundo ele, tal alternativa é impulsionada pelos altos preços dos materiais, alguns só encontrados em lojas especializadas no Rio de Janeiro e de São Paulo e cotados em dólar. "Aqui em Brasília até que têm lojas que vendem esses materiais, mas com valores inflacionados em 30% a mais. Fica mais barato viajar para fora", explica.

O diretor artístico Aníbal Mattos, há dez anos na coordenação dos projetos de arte da escola de Ceilândia, Águia Imperial, concorda com o colega. "São produtos difíceis de achar por aqui. E os poucos comerciantes que trabalham com esse tipo de material, colocam os preços bem acima do mercado."

Na vice-campeã Capela Imperial, de Taguatinga, a tática de reaproveitamento de sobras de material de carnaval não vai ser diferente. "Vamos aproveitar mesmo só a estrutura

dos carros. As poucas sobras das fantasias vão receber uma roupagem especial. Este ano a escola vai entrar na Passarela da Alegria com estrutura quase 100% nova", diz o diretor de carnaval da Capela, Severo Carvalho.



Nas escolas de samba do DF, a palavra de ordem é trabalho duro para que a comissão de frente, passistas, carros alegóricos e a bateria deem seu show de magia para encantar a torcida

